VIDA E MORTE DO NORDESTE[*]

RAQUEL DE QUEIRÓS

Outro dia, numa mesa redonda de televisão (e a propósito, muito obrigada, sr. Arnaldo Nogueira), estava presente um técnico do DASP cujo nome não guardei; sei que era um daquêles que elaboram o orçamento federal para o presidente da República. Discutia-se a sêca do Nordeste, e o tal moço do DASP, depois de maliciosamente apartear uma honestíssima e inteligentíssima exposição do dr. Luís Vieira a respeito de açudagem, perguntando sutilmente "se a água armazenada nos açudes não corria risco de se estragar...", depois de se escandalizar com as somas "astronômicas" que o govêrno enterra no Nordeste, — declarou alto e bom som que a única solução viável para o problema do Nordeste seria o despovoamento da terra e a localização da população nordestina em Mato Grosso e Goiás. Quando o Brasil estivesse em condições de sustentar o ônus que o Nordeste representa, e só então — se poderia pensar em repovoá-lo.

A pergunta sôbre a "deterioração" da água nos açudes, o dr. Luís Vieira afastou com um sorriso.

A alegação das somas astronômicas dispendidas com o Nordeste, um ilustre deputado presente, o sr. Armando Falcão, depressa a rebateu, afirmando (sem contestação do técnico daspiano) que aquelas "verbas imensas" distribuídas em sete anos (cujos contingentes relativos a 1951 e 1952 ainda não foram pagos) não representavam a metade da quantia dispendida pelo Govêrno Federal, só em 1952, naquela duvidosa operação de compra do algodão paulista...

Resta falar sôbre a "tese" da evacuação do nordeste, que seria criminosa se não traduzisse apenas ignorância da realidade nordestina — muito de estranhar, é verdade, partindo de técnicos tão refinados.

A extensa região chamada "Polígono das Sêcas", que compreende a totalidade de três estados — Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte — e grandes tratos de território da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia (sem contar ainda uma boa área de território mineiro), não é um país desértico, estéril, improdutivo, de vida artificial e deficitária, bom apenas para ser evacuado. Pelo contrário, é uma região de terra

---

(*) *Publicado no "Unitário", de Fortaleza, de 24 de abril de 1953, que, por sua vez, o transcreveu do "Diário de Notícias", do Rio.*

muito boa, com algumas manchas de terras excelentes; as suas famosas "coroas de rio", formadas pelo aluvião, nas enchentes, em nada perdem para as terras aluvionais da margem do Nilo, por exemplo. Propícia à agricultura e à pecuária, com uma grande riqueza mineral e, acima de tudo, densamente habitada por uma população trabalhadora, industriosa, auto-suficiente que, não só se mantém a si própria, como contribúi regularmente com altos impostos para os cofres da União. Coisa que devem saber muito bem os técnicos do DASP, já que são êles que manipulam o orçamento da República.

Essa terra boa, fecunda, cultivada, povoada, sofre entretanto de uma espécie de doença periódica — doença da qual padecem igualmente várias outras regiões do globo, mas que já estão redimidas pela boa técnica e pelos bons governos. O Polígono das Sêcas, que tem o seu sistema pluvioso peculiar, e com o qual se dão òtimamente os habitantes e as culturas da região, é sujeito a estiagens ocasionais, que às vêzes passam paríodos de mais de dez anos sem se reproduzir, e às vezes se repetem em crises mais violentas, que duram um ano, dois anos ou, como agora, ameçam durar três anos.

O primeiro argumento que ocorre para replicar aos pregadores do despovoamento, é o seguinte: se o Nordeste fôsse, como êles o imaginam, "incompatível com a vida humana", teria atingido o alto grau demográfico que apresenta — talvez o mais alto do Brasil? Ou será que êles imaginam, no DASP e alhures, que nós, no nordeste, vivemos e sustentamos as nossas enormes famílias com as esmolas que os corações caridosos nos mandam daqui do sul, ou com as outras esmolas mais ou menos disfarçadas que êles incluem no orçamento da União e que nem sempre são entregues?...

A tese é ridícula e infantil e merece ser discutida apenas porque muita gente, desconhecendo a realidade nordestina, e aceitando de boa fé palavra aparentemente tão autorizada quanto é a dos técnicos oficiais, pode se impressionar com ela.

Aconselhar o Brasil a despovoar o Nordeste, além de ser uma imprudência perigosa, pois não convém desesperar mais aquela gente já desesperada, — é uma tolice. Seria o mesmo que aconselhar o despovoamento do Rio devido à constante falta de água nas nossas torneiras. Oito estados da Federação, perto de quinze milhões de habitantes, — com suas casas, suas culturas, suas indústrias, suas rêdes rodoviárias e ferroviárias, suas cidades, seus capitais empregados, seus quatrocentos anos de civilização e tradição política, tudo ir raso pelo chão, a uma simples penada do DASP — é grotesco, mesmo em se tratando de idéia do DASP, que nunca teve senso do ridículo. Sim, seria o mesmo que despovoar o Rio, enxotar os seus habitantes, abandonar ruas e monumentos como solução à falta d'água, em vez de se procurar o remédio único e imperativo, que é reforçar o abastecimento.

O de que o Nordeste precisa — e não por caridade, mas por que tem direito a isso, porque faz parte da Federação, por que contribúi abundantemente para o Erário público e não vive à custa dos irmãos ricos, como se insinua, vive à sua custa e ainda paga excedentes — o de que o Nordeste precisa é que se resolvam tècnicamente os seus problemas de estiagem. É isso, só isso, que todos os nordestinos queremos e pedimos. E se o DASP e outros poderes acham que isso seria excessivamente oneroso para a União e injusto para com os demais Estados contribuintes, pode-se fazer uma experiência: abra mão a União de tôdas as rendas que coleta em território nordestino. Devolva-nos as quantias que nos cobra em impostos e não nos mande um vintém a mais. Todos nós temos certeza de que se dispuséssemos dessas verbas — (não precisava sequer aquela porcentagem que a Constituição nos prometeu mas ninguém paga) — faríamos obras mais importantes do que a Califórnia fêz nas suas terras desérticas, do que os israelitas estão fazendo na Palestina...

• • •

Nós, nos anos bons, temos uma vida normal. E, se me desculpam a franqueza, uma vida boa. Em janeiro começa a chover, plantam-se os roçados preparados durante o verão. Enchem os rios, sangram os açudes. Há muito peixe, muita caça de pena. As vacas, as ovelhas, as cabras dão cria, há muito leite, queijo, muito bezerro, muita criação nova. Fins de março, já se começa a comer o feijão e o milho verde. Já se colhe fruta. De maio a junho, terminada a estação chuvosa — são os ricos "fins d'água", quando se começa a armazenar o legume, que é como nós chamamos aos cereais; logo depois se inicia a apanha do algodão. Nas fazendas irrigadas, com o seu bom açude que dê para aguar o "sítio", planta-se cana, fruta, hortaliça, tôdas as culturas próprias do clima. As terras são excelentes, pràticamente inesgotáveis. A fazenda Califórnia, por exemplo, foi situada num vale sêco, a meia légua do rio Choró; nos meses de chuva, corre por êsse vale um pequeno riacho. Em meados do século passado, o dono da Califórnia represou êsse riacho e construiu um açude de bom tamanho. Tirou com sifão, dêsse açude, uma rêde de valetas de irrigação, que alimentam os canaviais do sítio, a horta e o pomar. E está agora fazendo um século que a fazenda Califórnia é explorada, que se planta cana e se faz moagem no engenho a vapor, fabricando cachaça e rapadura. Só com a simples irrigação do sifão, água dum açude particular, feito por mão de escravo, há mais de cem anos se tem fartura na Califórnia e se desafia a sêca. O dono sempre teve fama de rico, sustenta um povoado de moradores, não perde gado em ano ruim — e isso há mais de um século! Morador da Califórnia não emigra nem retira, vive lá de filhos a netos; os de hoje são os descendentes dos fundadores da fazenda. E essas são as terras do Nordeste que devem ser despovoadas porque incompatíveis com a vida humana!

Café, na serra de Baturité, começou a se plantar em 1822, pela mão de Antônio Pereira de Queirós Sobrinho, no seu sítio Mungaipe. Fazem portanto 131 anos que se planta café na serra de Baturité. E quando a lembrança dos cafezais do Estado do Rio já se perde na memória dos fluminenses; e quando o fabuloso São Paulo recua cada vez mais seus cafezais, devido às terras exaustas, na serra de Baturité, no coração tórrido do Ceará, os roçados centenários continuam a dar suas safras regulares, e ser dono de sítio de café, na serra, ainda é título de riqueza, como o era há vinte, há cinqüenta, há cem anos atrás. Claro, o papel é abandonar o Nordeste...

O que acontece com o Nordeste é que se tem cometido sistemàticamente um crime contra êle. Imaginem-se as obras públicas de uma cidade, invariàvelmente interrompidas a meio dos trabalhos. Começado o abastecimento d'água, largassem-no antes de sentados os encanamentos. Iniciada a estação elétrica, não se fizesse a rede aérea dos fios. Se se comprassem os bondes mas não se lhes pusessem rodas, se se instalassem os canos de esgotos mas não se lhes dessem saídas, se se começasse a pavimentação das ruas e a abandonassem naquele estágio em que as vias públicas se transformam em canais de buracos, lama e montes de pedras. (Tal como está acontecendo com minha rua aqui na Ilha, abandonada justamente nesse estágio). Pois o que se tem feito no Nordeste é isso: obras começadas e postas de lado, trabalhos abandonados a meio, planos executados apenas no início. Só o pôrto de Fortaleza se arrasta há meio século. A cada inverno que chega, esquecem os responsáveis que o ano seguinte pode trazer uma estiagem, e abandonam tudo que se começou. Cada govêrno tem um plano novo, tem idéias próprias — e as obras do Nordeste acompanham a flutuação irregular dêsses critérios oficiais. Se há presidente ou ministro nortista, as coisas melhoram. Se

vem homem estranho, lá lhe sopra o DASP, ou alguém por êle, que o Nordeste está saindo muito caro — e se deixa tudo.

Como é que poderia subsistir a população de uma cidade largada a meio, como aquela que imaginei? Pois o povo do Nordeste é tão capaz, e o Nordeste é realmente tão bom, apesar das sêcas, que lá se consegue viver e aumentar, e passa muito de dez milhões o número de pessoas sujeitas a tal regime de vida!

O que fazem com o Nordeste, aliás, não é fenômeno singular no Brasil. Se o nordestino morre de fome, por culpa da imprevidência, incúria e abandono do govêrno — qual é a outra coisa dentro dêste país que também não está indo à garra? A Central do Brasil é um montão de ferro velho, que além de não dar conta dos seus encargos, mensalmente nos custa uma porcentagem alta de vidas preciosas, com os seus terríveis desastres. E as outras ferrovias ganham da Central para pior —e os gêneros dos estados produtores apodrecem na ponta dos trilhos, enquanto nos cidades do litoral se vive à míngua. E também pràticamente deixámos de ter transporte marítimo, porque o Loide e a Costeira são hoje simples sombra do que foram. E as nossas indústrias estão de fogos apagados ou ameaçadas disso, porque não podem mandar buscar no estrangeiro a matéria prima e a maquinaria essenciais ao seu trabalho, já que as nossas preciosas divisas foram criminosamente gastas em mercadorias suntuárias e custeio de "viagens" oficiais pela Europa e América. E falando em divisas, o nosso crédito no exterior está tão desmoralizado que um juiz de New York pràticamente nos declara em falência e manda penhorar um pouquinho de ouro que lá temos, como garantia às dívidas do mau pagador. E o único divertimento do povo, que é o cinema, ameaça desaparecer, porque a Cexim não dá ordem para que se importem filmes. E a Light e a Telefônica chegam ao último grau de abuso a que uma emprêsa estrangeira pode se atrever, em país dito soberano. E o problema da infância abandonada e da delinqüência infantil são como chagas terríveis, cancerosas, devorando sangue, em todo o território nacional. E a cidade do Rio, por falta de policiamento, está pior do que um burgo medieval, onde nem a vida, nem a propriedade são garantidas, onde se é assaltado em pleno dia e representa temeridade sair de casa durante a noite. Tudo isso e milhões de coisas mais — falta apenas paciência e espaço para as enumerar — porque nós somos um triste povo abandonado, sem rumos traçados, sem direção, sem assistência de quem tem obrigação de no-la dar; vivemos porque Deus é servido e acabaremos muito breve se o próprio Deus também não der um jeito. Pois o govêrno, segundo se vê, êsse não dá mesmo jeito nenhum.